

Bodas de carne, ou amores no reino animal

Betty Mindlin*

Resumo

No universo mítico animais e pessoas casam-se, metamorfoseiam-se, convivem, separam-se, estrangeiros unidos ou em conflito, numa resposta mágica aos dramas do amor, solidão, companheirismo. O mundo não como aparece ou como é: mas outro. O artigo percorre mitos indígenas brasileiros, ouvidos e registrados pela autora ao longo de vinte anos e estende-se a alguma bibliografia dos índios das Américas, procurando realçar a beleza de um acervo imaginário único.

Abstract

In the mythic universe, animals and people marry, change, coexist, break apart, foreigners united or in conflict, in a magic response to the dramas of love, loneliness, fellowship. The world not as it is presented or how it is: but other. The article visits Brazilian indigenous myths, heard and registered by the author throughout twenty years and extend to some bibliography about Indians in the Americas, seeking to highlight the beauty of a unique imaginary collection.

Um tema como trilha: os amores no reino animal

A floresta e o reino dos bichos selvagens podem ser um meio hostil, ameaçador, incompreensível. São perigos, fantasmas, sombras, o sobrenatural, a morte iminente, mesmo para quem conhece e cresceu por ali. A selva opõe-se à aldeia, obra construída pelos homens, chão mais seguro e familiar. Não pertence à humanidade. Que de repente os seres estranhos deste outro mundo natural, dado anterior a todo artefato, possam transformar-se, virar gente, casar-se e conviver com homens e

* Doutora em antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, trabalhou em pesquisa e ação social com povos indígenas da Amazônia, e é autora de *Diários da floresta*, Terceiro Nome, 2007 e outros livros, seis em co-autoria com narradores indígenas, alguns dos quais traduzidos para várias línguas. É participante do grupo de pesquisas Literaterras, da Universidade Federal de Minas Gerais.

mulheres; que, com freqüência, olhos, braços e corpos de feras se tornem amados, eis, nos mitos, um mistério e uma surpresa sempre renovados.

Uma das histórias do espanto da metamorfose de animal em gente me foi contada numa tapera, numa aldeia pobre e triste, da qual jamais se poderia esperar que nascesse qualquer felicidadezinha. Os narradores eram um casal de velhinhos Macurap do Posto Indígena São Luís, na Terra Rio Branco, um lugar então abandonado, lembrando um cortiço, com lixo acumulado por todo o canto, cachorros magros cobertos de feridas, pouca comida, nenhuma plantação. O São Luís foi sede de antigo seringal, onde em poucos dias, no início dos anos cinqüenta, mais de trezentos índios morreram de sarampo. Durante minha visita, que coincidiu com Finados, toda a população ia acender velas para os parentes enterrados no campo-cemitério, desrespeitosamente transformado em pista de pouso para os aviões. No quadro miserável e fúnebre, na escuridão de fim de tarde, a Arara virando marido na boca do sofrido ancião Basílio Macurap era uma pedra iluminada, opulência da tradição cultural em plena penúria. Contada na língua, e traduzida em seguida para um português esburacado, a história tinha que ser adivinhada, e só mais tarde, com outras versões, consegui compreendê-la melhor. O mito é resumidamente o seguinte:

O marido arara

Uma mulher foi passear com o marido, para colher castanhas, e subiu na árvore, enquanto ele esperava em baixo pelos ouriços. No chão, ele experimentava a iguaria, enquanto ela perguntava se as castanhas estavam gostosas. Desaforado, depois de muita insistência dela, ele respondeu:

- Está gostoso como teu pinguelo!

A mulher irritou-se com a brincadeira e jogou um ouriço na cabeça do brincalhão, machucando-o. Ele amaldiçoou-a - fez a castanheira

crescer (talvez até então as castanheiras fossem árvores baixinhas). Abandonou-a sozinha no alto da árvore, desesperada. A moça viu uma Arara.

- Ah, se essa Arara fosse homem para casar comigo e me levar daqui!
- Quando ela olhou de novo, viu um moço lindo que lhe perguntava:
- O que você disse?
- Não falei com ninguém, estava falando com a Arara!
- Pois sou eu mesmo, case comigo!

O Arara voou com ela e se casaram, ficaram vivendo no país dos Araras. O ex-marido mandou os filhos procurarem a mãe, e eles acabaram por encontrá-la, vivendo entre o povo dos Araras. O ex-marido malvado foi atrás, mas foi morto e devorado pelos Araras, não sem antes furar o pé do rival Arara com o pau-âmago - por isso o pé das araras é até hoje virado para trás. A moça ficou com o novo marido Arara, Perá.

A impossível biologia

Os seres humanos e os animais são muito misturados na mitologia indígena; é difícil entender a linha divisória, as transformações de um domínio ao outro. Antigamente, conta-se em muitas histórias, os animais eram gente. Essa teoria de Darwin às avessas foi identificada pelos Suruí, nas nossas conversas dos primeiros anos de contato, como a própria teoria da evolução, pois se antigamente os macacos eram gente...nada estranho que acreditássemos no caminho oposto. Há numerosas histórias sobre a origem de cada bicho, explicando como e por quê os homens transformaram-se em animais.

Não propriamente separados destes, estão os bichos que surgem como gente.

Histórias assim, em que basta uma mulher solteira, sozinha ou infeliz expressar um desejo para que lhe apareça um lindo noivo mágico na floresta, transformação de algum animal, são muito comuns. Também acontece de ser um homem que encontra uma mulher, que há pouco era

animal. Se fosse sempre tão simples encontrar um amor, bastando caminhar um pouco pelo mato...

O marido coruja

Noutro mito Macurap, narrado por Iaxuí Macurap, (Mindlin et al., 1997), uma mulher que apanhava muito do marido foge para o mato com o irmãozinho e exclama, ao ver uma Coruja, que gostaria que esta se transformasse em homem para casar com ela...Dito e feito. O Coruja vira guerreiro, casa-se com ela, e lhe ensina o lugar da serra onde crescem taquaras maravilhosas para flechas, que os homens ainda não possuíam. Ela convence o Coruja a voltar com ela para a aldeia, alegrando o pai dela e os habitantes com as novas flechas. Mas o ex-marido malvado, com ciúme, mata o Coruja, e é morto pelo povo que considerava o Coruja um benfeitor.

A mulher lesma

Um homem, em outro mito Macurap, narrado por Rosa, (Mindlin et al, 1999:183-184) vê uma lesma; como não tem namorada, exclama que queria que o bichinho virasse mulher para dormir com ele. Desaparece a lesma, cedendo lugar a uma lindíssima moça, que se deita com ele na rede. Vão morar na aldeia, e a lesma encantada em gente faz chicha todos os dias para a sogra. Sem que ninguém veja, na hora de preparar o alimento, ela vira lesma outra vez e joga sua gosma para fermentar a chicha, em vez de mastigar os pedaços de cará, milho ou mandioca como tradicionalmente costumam fazer as mulheres. A chicha fica melhor que a das outras mulheres. Uma invejosa resolve espreitar o segredo e descobre a caracolzinha trabalhadeira. Conta a nojeira aos parentes. Quando a

sogra vai brigar...a moça transforma-se em lesma outra vez, para sempre, com um estrondo, e o pobre marido volta a ser carente.

A mulher abelha

Outra mulher mágica é uma abelha (mito Aruá, narrado por Awanaru Odete, (Mindlin et al, 1997: p.232-234). Um rapaz solteiro que vivia namorando a mulher dos outros apanha dos maridos traídos e vai curtir sua tristeza na solidão da floresta. Ao ver a abelha amarelada, exclama que gostaria que ela fosse gente para ser sua mulher. Aparece uma linda moça, com quem conversa. À noite, ele é surpreendido pela menina-abelha na rede. De manhã cedo, ela volta a ser abelha e desaparece, e assim todos os dias. O rapaz esconde da mãe o segredo durante alguns dias; a mãe pensa que é outra mulher casada que se enrosca no filho na rede. Um dia resolve dizer a verdade, e a moça passa a morar na aldeia como mulher casada, sem virar mais abelha. Apenas adverte a todos que não bebam sua chicha muito depressa, pois podem se engasgar. De fato, a bebida que ela faz é mais doce e melhor que a das outras mulheres. Descuidado, um dia o sogro da mulher-abelha, com sede, bebe demais e muito depressa; engasga e morre. Envergonhada, ela diz ao marido que vai embora para sempre, por ter sem querer matado o sogro. O marido apaixonado tenta impedi-la, mas não há jeito. Ela vai, e ele atrás, para o país das abelhas, onde são rei e rainha até hoje.

A mulher urubu-real e sua rival ninfomaniaca

Noutras histórias, o casamento é menos idílico. Há o homem que não conseguia mulher para casar, e que, espreitando os urubus-reais que vêm bicar a carniça de um cachorro, ouve que eles estão esperando por uma urubu muito bonita. Os urubus vêm e deixam sua capa no chão,

aparecendo como gente. Vêm e voam de volta para o céu; a última a chegar, atrasada, é a mulher linda, esbranquiçada. Ele lhe propõe casamento, e vão morar na aldeia dele. A narradora é Etxowe Tupari (Mindlin et al 1997: 131-134). Mas ele, que antes não tinha namorada alguma, agora a trai com outra, ela vai embora, fazendo a rival virar ninfomaníaca e sem-vergonha, tentando seduzir até mesmo o irmão e o pai. A rival-doida termina devorada por Tianoá, o Bacurau noturno, numa cena pavorosa de copulação e canibalismo simultâneos.

O estupro das onças

Há outra história, que além de ser o casamento com a fera, tem uma delicadíssima nota edipiana, pois ao final mãe e filho (adotivo, um veadinho) fogem sozinhos não se sabe para onde, o filho assegurando à mãe que eles dois não morrerão, apenas todos os outros parentes. Trata-se da moça roubada pelo Raposo Antigo, cujo pênis dentado estraçalha o útero das mulheres. Avisada por outra concubina já mutilada, a moça não deixa que ele a penetre, e foge da toca subterrânea onde está presa com o irmãozinho. Vai para o país das onças, onde se casa com um Onça. Tem que deixar consumir-se o casamento; e desta vez, não só o marido, mas todos os onças que, pelo casamento, não se tornarão seus pais, irmãos, tios, copulam com ela numa esteira no pátio da aldeia, até que ela implora misericórdia. O sogro vai lambendo o sêmen misturado aos líquidos femininos acumulado entre as pernas dela, a semente dos seus netos. A moça engravida. O sogro onça come o irmãozinho da menina, que a acompanhara desde que foi raptada pelo Raposo. Para vingar-se, a moça cria um veadinho, que prepara para matar o sogro. Consumada a vingança e a morte do sogro, a moça foge com o filho veadinho, de volta à casa do pai humano, que chora ao saber a morte do outro filho. A moça dá à luz um filho de olho fechado, (característica de oncinhas e filhotes de animais), fruto do seu casamento-estupro pelas onças. Seu irmão, tio do nenê-

oncinha, o mata. É então que o veadinho foge com a mãe, dizem que é o relâmpago...

A moça alta e o marido pico-de-jaca

A moça com marido Pico-de-jaca é uma história dos Jabuti. O narrador é Kubahi Jabuti, (Mindlin et al., 1997: 190-1). Ela era muito alta, não queria casar com ninguém, até que se engraçou do cobra. Levou-o para a rede, mas ela era virgem, quando o noivo a penetrou, não agüentou de dor, gritou. O cobra assustou, caiu da rede, virou cobra mesmo. Ela ficou obrigada a ficar com ele. Deu à luz uma porção de cobrinhas, uma picou-a na vagina e ela morreu.

Anta-esposa, anta-amante

Há as célebres namoradas do Anta: a Suruí, a Tupari, a Jabuti, a Arikapu, a Macurap (Mindlin 1993: 60-62, Mindlin et al 1997: 79-81, 202-203, 214-215, 219-225). O Anta costuma ser um sedutor, que rouba as mulheres de seus maridos legítimos. A anta é um animal de pênis grande, atributo importante nestas histórias. Nos Tupari e nos Aruá, esta história narra a origem das Amazonas, das mulheres que vivem sem homens. Nos Jabuti, um rapaz veste a capa do Anta morto pelo marido traído; vira anta, vai para a casa da anta-fêmea, mulher do que morreu. Ouve barulhos, pensa que é uma chichada, mas trata-se do barulho das outras antas namorando, conforme lhe explica a mulher-Anta, sugerindo que façam o mesmo. A anta-fêmea estranha o tamanho de pênis dele, agora tão pequenininho, não a satisfaz - pois não percebe que o marido é outro. Essa é a origem de um tipo de anta, que tem pênis pequeno, em contraposição à outra anta.

O marido macaco

Há a história Aruá da mulher que fica tomando conta de um macaco que o marido acabou de caçar e, sem nada para fazer, enquanto o marido vai buscar flechas perdidas, enfeita o animal com colares e exclama que ele ficaria lindo se fosse gente. O macaco vira homem; leva-a embora. O marido vai atrás, encontra-a já casada com o macaco, depois de muitas peripécias, já quase virada em macaquinha. Consegue roubá-la de volta. (O narrador é Odete Aruá, (Mindlin et al., 1997: 229-231).

A capa

Um motivo bonito, na passagem de ida e volta dos homens a animais, é o uso de capas - quase que sugerindo um teatro, uma representação. O Anta namorador dos Aruá ou dos Jabuti usa um couro, uma capa. Quando vai virar homem para namorar, pendura a capa nos galhos das árvores. Ao voltar correndo, ferido pelos homens, tem que apanhar sua capa, para virar bicho.

Nem sempre aparece a capa, ou se sabe bem se o animal apareceu em forma de gente ou bicho. Numa história Macurap, uma moça se apaixona por um visitante-anta. É ela que vai virando anta, só por acompanhá-lo; é possível que ele também tenha capa, ou que esse traço apareça mais no povo Jabuti que no Macurap.

Na história de Nonombziá, o demiurgo, o criador na tradição do povo Jabuti, nascido de uma fecundação mágica - sua mãe acabara de ter um nenê e já estava grávida outra vez, com barrigão - os urubus que vêm comer o cadáver da mãe deixam as capas no chão. E é uma dessas capas com penas que ele rouba, para fugir dos céus onde eles o levaram, com a intenção de engordá-lo para servir num banquete. (Mindlin et al.,

1999:105-124). Ser homem, ou bicho, é vestir ou tirar a personavestimenta.

A dinastia das focas

Um filme americano, *A ilha misteriosa*, de John Sayle, sobre uma lenda celta, talvez nos permita apreciar melhor esses mitos; pois num país colonizado, valorizamos mais o que vem de fora, já foi sancionado. Nesta lenda celta, conta-se que há um povo de mulheres-focas, espécie de sereias. Se surpreendidas por um mortal que lhes roubasse a pele - desvestiam-se desta capa em algumas ocasiões - eram obrigadas a obedecê-lo.

Num filme com fotografia, paisagem, e clima poético belíssimos, acompanhamos o destino desta mulher de natureza humana e animal, que é obrigada a viver entre os homens - e acaba gostando -, tem filhos e se apaixona pelo marido, até um dia reencontrar sua pele, descoberta no sótão pela filha mais velha. Sem ser vista, foge para o mar, deixando uma descendência mista de animais e homens. As focas-mulheres, conta-se, continuam a proteger seus descendentes mistos, e no filme, roubam e criam um menino deixado pela mãe por uns instantes na beira do mar.

Casamento fantasma

O tom fantasmagórico, voltado para espíritos e seres do outro mundo, é o clima de muitas dessas narrações, como a da mulher-lesma Macurap ou a da mulher-abelha Aruá. Basta um erro ou infração para que o belo sonho de amor se desfaça. Há muita semelhança entre os esposos ou esposas animais e os esposos-fantasmas - outra vertente importante das narrativas. Há mulheres que namoram espíritos, que se casam no reino dos mortos, ou com visagens, assombrações, como fazem, numa

história Macurap, “As mulheres-pretas-sem homens”, homens e mulheres namorando fantasmas, uns no fundo das águas, as outras nas profundezas de um rio (o narrador é Iaxuí Pedro Mutum, Mindlin et al., 1997: 25-28).

Cobras e incestos

A transformação em animal, em cobra, é um castigo e uma vingança no mito Macurap da jibóia, Awandá, (os principais narradores são Überiká Macurap e Iaxuí Macurap, (Mindlin et al., 1997: 58-62). O noivo desprezado transforma a “amada” em cobra jibóia e acaba engolido e morto por ela, pois quer imitar o irmão da cobra, que esta põe dentro de seu corpo e sua boca, sem machucá-lo, para lhe fazer uma pintura de corpo com jenipapo, arte que antes não existia. Esta história linda é um incesto figurado, quase literal, entre os irmãos. Na versão Aruá, a moça virada em cobra, ao ser obrigada a engolir o noivo malvado, que ela detestava e era a causa de sua maldição, muda de idéia - apaixonou-se por ele, abandona o irmão que fica tristíssimo e foge para ser cobra de vez com o noivo vencedor final da conquista. Na forma animal é que são felizes...

Na versão dos Tupari, a cobra já nasce cobra, é uma cobra-macho, criada por duas irmãs desde pequenininho. Para pintá-las, com a arte do jenipapo que cria para os homens, e que antes não existia, põe na boca e dentro de seu corpo comprido como um falo, a mãe e a tia, e sem querer mata esta última. Foge com a mãe, e por onde se arrasta, surgem rios, que são os rios deste mundo. O narrador é Maindjuari. (Mindlin, 1993: 31-35).

Mas histórias de cobras são sem fim, um assunto à parte, em quantidade de fazer inveja ao Instituto Butantã, amantes secretos, filhos-cobra nascituros que saem e entram no ventre da mãe, cobrinhas que ao nascer picam a vagina da mãe, cobras que se transformam em arco-íris...outros livros e capítulos.

Mulheres errantes e maridos mentirosos

Em muitos povos duas ou três mulheres, quase sempre irmãs, saem pelo mundo em busca de maridos. São aventureiras, corajosas. No mito Suruí, as primeiras mulheres vão pela floresta tentar a sua sorte. Encontram cada vez outro animal: a coruja, a garça, o veado, pássaros variados. Cada qual as engana à sua moda. A coruja, por exemplo, lhes dá lágrimas dos olhos e faz de conta que é mel; o veado tira carne da própria perna e diz que caçou; a garça dá ratos em vez de peixe, e assim por diante. Têm que fugir cada vez. Finalmente recebem carne de verdade do onça, e é com o onça que ficam morando, e namoram de verdade, pois nos casamentos anteriores, uma delas não copulava de fato, só fingia namorar. Acabam, porém, devoradas pela mãe do onça, num dia em que este não estava. Salvam-se seus filhos nascituros, que crescem por magia, vingam a mãe matando a avó e sobem para o céu, transformando-se em relâmpago.

O motivo das mulheres errantes, dos maridos mentirosos, do onça marido são muito comuns, em povos variados, dos Aguaruna, no Peru, ao Xingu.

O amante invisível

Em um mito Suruí, dos narradores Gakaman e Dikmuia, (Mindlin et al., 2007)), uma mulher, cujo marido foi morto pelo Onça, é salva por um Sapo, o Ai-ai, que mata o onça e se casa com ela. O casal vai morar na aldeia, mas ela não mostra o sapo a ninguém. Esconde-o dentro de uma taboca, durante o dia, enquanto vai trabalhar, e à noite, sem que ninguém o veja, ele vira homem. Um dia, a mãe dela descobre a taboca, destapa-a e o Ai-ai volta para o mato, pulando, dizendo “A mãe no meu amor me

expulsou...”. Tristíssima, a moça culpa a mãe pela solidão de viúva a que fica condenada.

Este mito existe, com variações, em inúmeros povos indígenas. Nos Sateré-Mawé, por exemplo, o Sapo, o Mangai, consegue persuadir os parentes da esposa a não o matar, e ensina-lhes a vencer visagens perigosas (Mindlin e Ramos, 1996:33-37).

A figura do amante que, na forma animal, tem que ficar escondido, invisível para a comunidade, e que na forma humana, só pode existir no escuro, também sem ser visto, evoca muitos contos que nos são familiares. Parece, por exemplo, com o conto “A Bela e a Fera”, em que a princesa jamais via o monstro que a amava. Também no mito de Eros e Psichê, os amantes só podem ficar juntos se Psichê não vir o seu amado, regra que acaba por infringir, não resistindo à curiosidade de acender uma vela e olhá-lo. Na Índia, há um mito semelhante, do rei Pururuvas, que salva dos demónios uma Apsara, Urvasi, divindade, espécie de ninfa, e se apaixona por ela. Ficam vivendo juntos, por especial concessão da deusa, com o pacto de que ela não o poderá nunca ver nu. Ele transgride essa regra, um dia em que os carneirinhos dela são roubados, e ele vai atrás sem se lembrar que está nu. Ela lhe diz que é como o vento, vai-se com a alvorada, que ele rompeu o acordo, e se separam.

Entre os Suruí, há um outro mito do amante invisível, do narrador Dikboba, (MINDLIN et al., 2007:44-46). É a história da lua. Uma menina, em reclusão, por estar na primeira menstruação, recebe todas as noites a visita de um namorado secreto, que ela não sabe quem é, pois vem sempre no escuro. A mãe a aconselha a pintar o rosto do namorado com jenipapo, uma tinta que não sai com água, e no outro dia, para seu horror, a menina descobre que o namorado é seu próprio irmão. A menina quer morrer, mas a mãe manda os dois para o céu, por um cipó. Viram a lua, cujas manchas escuras são o rosto do irmão pintado de jenipapo.

É como se o amor-transgressão, o amor-absurdo, com irmão ou com um ser do reino animal, só fosse possível e feliz longe do olhar e da

desaprovação da comunidade, dos parentes, da família. Em segredo, tudo flui e é permitido; à luz do dia, quando os papéis públicos têm que ser representados, a paixão anti-social é banida. E, na verdade, é assim que se dão, na vida indígena, os amores extra-conjugais, tolerados e permitidos enquanto ninguém sabe deles, duramente censurados quando são públicos, quando os amantes descuidados deixam que os esposos traídos fiquem sabendo. Para que a transgressão seja tolerada, outra transgressão não pode ser feita, a do olhar social.

Viagem pelas Américas

Uma incursão por outras plagas e mitologias indígenas mostra que o tema mítico do homem ou da mulher que transita entre o reino animal e o humano insere-se numa vasta tradição.

No folclore brasileiro, nos contos de fadas de origem européia, não é estranha a personagem animal que se casa. Não há menina que não pense num sapo virando príncipe; o Príncipe Escamado de Monteiro Lobato casa-se com Narizinho; a Bela e a Fera já virou filme, e tantos outros exemplos. Nos contos russos, uma princesa regride para uma rã, a Tsareva Ligushka, numa metáfora descendente.

Alguns mitos peruanos

Algumas histórias contadas hoje no Peru e na Bolívia têm o mesmo tema do amor selvagem, mas com um clima diferente.

Numa história da ilha de Taquile, no Titicaca, “O condor, a menina e Lorenzo o beija-flor”, uma moça linda enamora-se de um rapaz desconhecido. Dá passeios longos com ele, mentindo à família que fora visitar uma tia. No outro dia o rapaz anuncia que vai levá-la consigo. Era um condor, crescem-lhe asas e plumas e a rouba, voando com ela para

sua casa. Passa a alimentá-la com carne podre ou crua, que ela não agüenta comer. A moça quer escapar mas não consegue. Enquanto isso, os pais dela vivem chorando. Um beija-flor, compadecido, compromete-se a encontrar a menina, e a descobre na casa do condor. A essas alturas, ela já tinha três filhos do condor. O beija-flor mata dois; o condor encontra o terceiro filho vivo. O condor consegue engolir o beija-flor, que lhe come as entranhas, salva-se e se casa com a menina, levando-a de volta para os pais. Dizem que um dia, porém, o condor conseguiu vingar-se do beija-flor, pois este morreu soterrado por um morro que desabou, e que parece ter sido o espírito do condor. (Granadino e Jimenez, 1996: 52-61).

Outra história peruana, de Cuzco, escrita por volta de 1940, (Lira, 1990:1-8) é “O jovem que subiu ao céu”. Trata-se de um filho único que tomava conta da roça dos pais, mas adormeceu e a roça foi roubada, ninguém sabia quais os ladrões. Os pais, bravos, bateram no rapaz. Na outra noite, esforçando-se por ficar acordado, ele vê moças lindíssimas que roubam a roça, brancas, vestidas de prata. Apaixonou-se; conseguiu prender uma delas. Ela não queria ver os pais dele, mas ele a engana, leva-a para sua choupana. A moça fica vivendo com eles, que escondem a roupa luminosa que ela estava vestindo na noite do roubo. Ela tem um filho, que nasce morto. Um dia ela volta para os céus, fugida. O rapaz, desesperado, pede ajuda ao condor, que o leva para o céu, em troca de duas lhamas. A combinação era que o moço desse carne para o condor, ou este o soltaria nos ares em pleno vôo. O moço vai servindo carne de lhama, que acaba; é obrigado a servir sua própria carne. Ao chegar, banham-se num mar e ficam belos outra vez. Ele tem que adivinhar quem, entre as moças dos céus, é sua mulher. Uma delas lhe dá um empurrão ao entrar no templo do Sol e da Lua, que são os pais das estrelas. Ele escolhe a que o empurrou; ela lhe conta que pensava voltar para ele de todo modo, mesmo que ele não tivesse ido buscá-la. Ela o manda cozinhar batata. Ele acha a quantidade de batata pequena, e como tinha visto onde ela guardava as provisões, vai buscar mais - mas a batata, posta na panela,

transborda em quantidades imensas. Ele enterra o alimento, mas a batata brota até mesmo debaixo da terra. A princesa volta e reclama que não é deste modo que se come batata, que ele nem devia ter aumentado a ração. Ajuda-o a sumir com o excesso de alimento e diz que ele tem que esconder-se dos pais dela. Assim ele vive um ano; escondido, recebendo comida que a princesa leva, mas um dia ela se esquece de aparecer. Vem pouco depois, dizendo que agora ele deve partir, e o abandona. O jovem volta para a beira do mar do céu, onde o condor, com pena, leva-o outra vez para a terra, em troca de carne, numa viagem que dura três anos. Ao chegar, banham-se e rejuvenescem. O jovem fica triste o resto da vida, com saudades da princesa.

Muitos elementos desta história são interessantíssimos, como a multiplicação dos alimentos, que além de lembrar a Bíblia, aparece em mitos indígenas de Rondônia, como no mito Jabuti de Nonombziá; a passagem da terra ao céu e a volta; o amante escondido; a auto-mutilação para prover de carne a alguém e assim por diante.

Outra história do mesmo livro (Lira, 1990: 50-60) é “A urso que teve três filhos”. Uma moça que trabalha para um patrão, vira sua amante. Volta para o povoado, dizendo ao amante que a visite, mas nunca às terças e sextas. Ciumento, ele vai espiar - ela estava nua, banhava-se ora em água verde, ora em água vermelha. Vê quando ela tira de um oco na parede uma tigela de barro, onde estava uma cobra; beija-a, dá um golpe no próprio nariz. Sai sangue, ela faz a cobra lambe-lo. Beija outra vez a cobra, guarda-a na vasilha. Sai, sacode-se e lhe nascem plumas. Põe uma luz, uma vela, em cada narina, uma no ânus e uma entre os dentes. Envolve-se em uma manta vermelha e voa. Ela tinha um pacto com o Demônio. Em casa deste, ia ter que beijar-lhe os fundilhos - quem agüentasse receberia ouro. O amante a imita, faz o mesmo, vai atrás, com uma manta verde. Na casa do demônio, não agüenta o fedor dos gases do Demônio. Este joga-o das alturas. O homem fica num precipício, rezando um livro de rezas que tinha, e é salvo por um louro que vai buscar uma

ursa. A ursa o obriga a se casar com ela. Traz-lhe provisões. Com o tempo, têm três filhos. Um dia, o pai e os filhos fogem. A ursa os persegue. Enterra o marido, mas os filhos o desenterram e a matam. Voltam para a casa do pai, mas no povoado não havia ninguém. Na casa vazia do pai do moço, saltam três gatos. Os ursos os aprisionam; eram três condenados, enviados por seu senhor, porque alguém do povoado fora à casa do demônio. Os ursinhos amarram os condenados e o povo volta. O visitante do demônio virou o protetor do povo, e os ursinhos foram muito honrados e todos lhes obedecem.

Também esta história produziria toda uma outra como análise e interpretação. Misturam-se elementos de bruxaria e demonologia com um enredo mais próximo dos que caracterizam os indígenas, havendo uma reabilitação final do animal selvagem.

Mais uma história de urso, importante para nós, porque vamos encontrar este animal nos mitos e na literatura norte-americanos, é a história “O urso e a menina” (Granadino, 1993: 76). Um urso rouba uma menina, alimentando-a com carne. Ela engravida. O filho cresce. Mãe e filho fogem; o ursinho vence o pai. Os avós ficam felizes de ver a moça. O ursinho, no entanto, mostra ser forte demais, faz sem querer muitos estragos. Os homens decidem matá-lo - mandam-no subir ao campanário, e pedem a alguém que o siga para empurrá-lo de cima, mas o ursinho se agüenta e o outro é que cai. Mandam-no à selva, ele arreia tigre e jaguar que mataram seu burro. A mãe e avós ficam estarecidos. Aparece um condenado na comunidade vizinha, o ursinho o mata, o condenado vira pomba; o ursinho se casa com a filha de um fazendeiro, vira espécie de rei.

O urso é um tema importantíssimo nos contos peruanos. Numa antologia peruana (Espejo, 1994), encontramos a história de “Manuelito, el oso”, numa versão de um narrador de Cusco. Comenta o organizador da antologia que há ursos nos Andes, de até 1,5 metros, vegetarianos, e que os cronistas dizem “que son muy enamorados”. Lembra que na época de Shakespeare o teatro rivalizava em Londres com espetáculos de ursos

lutando com cinco ou seis pessoas, e que, no Peru, homens disfarçados de ursos estão em espetáculos populares, danças, etc. Há contos positivos no Peru de um urso herói, mas o mais freqüente é o urso raptor.

“Manuelito, el oso” conta a história de uma moça que encontra um jovem desconhecido, que a leva embora. Seus pais nada sabiam. Em casa do noivo, ela fica sabendo que ele é um urso. Ela engravida, tem um menino chamado Manuelito. A moça vivia chorando, o filho perguntava por quê, até ela lhe contar que fora raptada. Mãe e filho fogem, voltam para a casa dos pais da moça, matam o urso com água fervendo, quando este vem atrás. Manuelito, na aldeia dos avós, ficou sendo pastor de ovelhas. Era muito forte - bastava tocar outros jovens, que os matava. Mandam-no então para o padre cura, seu padrinho. Matava sem querer, matava o cavalo, matava os trabalhadores, de tão forte. Fica trabalhando sozinho na roça, continua a matar gente. O cura manda matá-lo, mas ele mata todos os homens que o agarram. Até que mata um condenado, com a ajuda de um acompanhante e de um boneco de madeira. Sua luta com o condenado é muito curiosa: é vencido várias vezes, mas fortifica-se com licor, fortifica seu acompanhante com seu sopro, põe o boneco de madeira para lutar com o condenado. O condenado, ao entrar para lutar, vem por pedaços; primeiro só uma das mãos, depois um dos pés, até completar o corpo todo. Vencendo o condenado, Manuelito converteu-se em um ser humano e em um herói muito admirado.

Também esta história apresenta uma curiosa mistura de tradições, como o condenado fragmentado, com pedaços de corpo autônomos e vivos, que aparece em certas histórias de almas, por exemplo, nas *Fábulas* de Italo Calvino.

Uma última história peruana ilustra o equilíbrio instável entre animal-monstro e animal-herói, humanizado, destes contos.

Trata-se de “O lagarto”, contado por um narrador popular, Luis Gil Pérez a José Maria Arguedas (Espejo, 1994: 51-56)). Um casal riquíssimo não consegue ter filhos. Depois de 15 anos, a mulher engravida, após

muitas preces a Deus. Mas nasce um lagarto, só a cabeça sendo humana. O lagarto aprende a ler, caminhando de barriga. Adulto, quer casar-se. Os pais conseguem uma noiva, pagando altas quantias aos pais da moça. Na noite de núpcias, o lagarto come a esposa. Isso acontece várias vezes. Até que o lagarto quer uma moça paupérrima. A moça ficou tristíssima, vai consultar uma bruxa, que lhe ensina o que deve fazer, começando por não se deitar antes do noivo. Ela obedece à bruxa, não ao marido. Na cama, descama-se a pele do lagarto. A bruxa tinha avisado a moça para não olhar para ele; mas ela acende a vela - e vê um jovem belíssimo. Quando vai abraçá-lo, ele se converte em vento. A jovem fica muito sozinha, mas é cuidada como filha pelos sogros. Quanto à mãe do lagarto, o povo dizia que quando morresse, uma serpente mamaria de um dos seus peitos e um sapo do outro, porque ela pedira a Deus o que ele não quisera dar.

Entre os muitos enigmas e sincretismos dessa história, reaparece o motivo do amante que não pode ser visto, (como na história indígena dos irmãos-amantes e da lua, ou em *A bela e a Fera*, ou no sapo Ai-ai, ou em *Eros e Psichê*), que é belo e acessível enquanto invisível, a transgressão só sendo tolerada, talvez, se se passa no escuro.

Câmara Cascudo apresenta, nos *Contos Tradicionais do Brasil*, uma versão amenizada da história do Príncipe Lagarto. O menino-Lagarto não come ninguém, apenas devora os peitos das amas de leite, até uma delas fazer um seio de ferro. É esta moça que ele, adulto, escolhe como noiva, e é ela que consegue metamorfoseá-lo em homem, com ajuda da sogra, quebrando o encanto que obrigara o príncipe a ser bicho.

A América do Norte

Com outra atmosfera e muitas tragédias, repetem-se na América do Norte os casamentos com animais, com enredos que nos fazem entender melhor os nossos.

Poderíamos começar com a moça que não quer casar com homem algum, mas namora um cachorro, um mito Inuit. (Bonney, 1993: 29). O pai expulsou-a e ela ficou morando com o esposo-Cachorro, que ia buscar comida na casa do pai dela. Da união nasceram crianças, metade humanas, metade caninas. A moça mandou-os destruir o caiaque do avô. Espalharam-se os cachorrinhos, mandados pela mãe, pelos cantos do mundo, dando origem a vários povos. A moça voltou para o pai, mas continuou a recusar os pretendentes. Finalmente consentiu em seguir um petrel, ave que se alimenta de peixes. Tarde demais descobriu que ele era feio e tinha uma risada sarcástica, e fugiu, com a cumplicidade do pai, num barco feito de peles. O petrel percebeu e provocou uma tempestade. Com medo, o pai jogou a filha na água, e quando ela se agarrou ao bote, cortou-lhe os dedos e tirou-lhe os olhos. Ela afundou no mar, mas as focas nasceram dos pedaços cortados do seu corpo. O pai, desesperado, juntou-se à filha e ao cachorro, no fundo das águas, e é lá que estão vivendo. Controlam os movimentos dos animais marítimos e punem as pessoas culpadas de infrações sexuais, em especial de bestialismo.

Outra união com cachorro, também dos Inuit, no mesmo livro (p.31) é a de uma mulher maltratada pelo marido. Quando ele ia bater nela, ela escapou para debaixo da cama. Ouviu-se um latido, ela virou cachorro. Ele atou-a ao trenó, batia no cachorro. Um dia ela soltou um grito humano, ele a matou; mas o cadáver foi devorado por lobos, ela virou loba. Ignorante do ofício de lobo, aprendeu a caçar com eles. Morreu como lobo, um caribu pisou no seu cadáver, ela penetrou no seu corpo. Tornou-se um caribu. Foi arpoada por um caçador, esquartejada e comida, os ossos jogados na praia perto dos ossos de uma morsa ou vaca-marinha. Quando a maré cobriu os ossos, ela passou a um osso de morsa que reviveu e a moça virou morsa. Aprendeu a mergulhar e a comer como morsa, mas não gostava da maneira como elas esfregam o focinho. Morreu outra vez, e um corvo pousou na carniça da morsa, foi morto por um urso polar e caiu nos restos de uma foca. A moça entrou na foca, virou foca, aprendeu a soprar

buracos no gelo no inverno e um dia foi arpoada na cabeça num destes buracos. O caçador era ninguém menos que seu próprio irmão. A mulher do caçador cortou-a em pedaços e ela entrou no corpo da cunhada, que engravidou, embora até então só tivesse tido abortos. A moça-feto, na hora de sair, viu uma faca de mulher e um arpão de homem. Quase ia escolhendo a faca, mas preferiu o arpão, e nasceu como menino. Mudou de sexo. Tornou-se um grande caçador e contou sua história.

Enquanto a primeira história de cachorros pune as infrações sexuais e o amor com animais, este mito estranhíssimo, - um pouco *Orlando* de Virginia Woolf, pela mudança de sexo, um pouco samba brasileiro, pois a mulher sempre apanha e sofre, mas se transforma, - desemboca, para surpresa nossa, em um incesto bem sucedido e coroado por um nascimento de herói, o caçador.

Na costa norte das Américas, podemos voltar aos ursos. Um tema muito comum é o da Mãe Ursa, (Burland, 1996: 34). Trata-se de uma mulher que entra na caverna de um animal, pensando que é de gente; fica o que lhe parece pouco tempo, mas concebe e torna-se mãe de animais. Entre os Haida, uma linda história é a da Princesa Rhpsisunt, filha do chefe do Clã dos Lobos.

O marido urso

A princesa Rhpsiunt, filha do chefe do Clã do Lobos, vai colher frutinhas nas montanhas, com duas outras mulheres. Pisa num excremento de urso; fica muito brava e xinga o urso. Reclama o dia todo. Grita coisas feias sobre o urso. Vai errando pela floresta, longe das outras, enchendo o cesto. Quando vai voltar, a tira da cesta se rompe e os frutos caem no chão. Ela junta, recomeça a caminhada. As tiras do cesto se rompem outra vez. Ela chama as amigas, ninguém responde. Encontra dois homens lindos, que não conhecia, e que se oferecem para ajudar. A trilha leva para a montanha, não para a canoa - ela não presta atenção. Chegam rindo e conversando na aldeia, onde há uma grande casa central.

O jovem diz que vai ver o pai, para ela esperar. O pai a chama, quer ver a nora. Vê um homem grande e uma mulher sentada ao lado, com olhos fechados. Por toda a parte há peles de urso. Há escravos que põem esteiras, o jovem casal senta. Alguém belisca a princesa, perguntando se ela tem gordura ou lã, e se identifica como a mulher-Rato. Diz que se ela tiver, a ajudará. A princesa dá seus brincos de lã e enfeites de cabelo. A mulher Rato desaparece, mas volta, explicando que a princesa foi presa pelo povo dos Ursos, porque os insultou ao pisar nos excrementos. Diz que precisa de gordura. A princesa tinha gordura de cabra que costumava passar no rosto. A-mulher-Rato lhe diz que quando ela for defecar, deve cavar um buraco para esconder seu excremento. E deve em seguida pôr um bracelete de cobre em cima, como se fosse o excremento. Diz que o Príncipe dos Ursos vai casar com ela. Recomenda que a princesa não faça caso de quem a estiver observando. Diz que os escravos foram gente que insultou os ursos ou os mutilou ao matá-los. A princesa obedece. Os ursos, que estavam espiando, correm para ver o excremento dela e descobrem a pulseira. Os ursos dizem que ela tinha razão ao dizer que o excremento deles fedia; o dela era de cobre. Levam ao chefe. Os convidados vão chegando. A mulher do chefe, finalmente, acorda, e é terrível. Seus seios são cabeças humanas que estão vivas e se movem, e raios de luz brilham dos seus olhos, nessa casa soturna do outro mundo. O chefe urso apresenta a nora, diz que todos devem protegê-la.. São trazidas grandes tigelas com gordura de cabra, feita de modo mágico com a gordura que a princesa dera à mulher-Rato.

Ela fica casada. A lenha do urso nunca é seca, é sempre de madeira molhada do fundo dos rios, que queima nesse outro mundo. Para sair, o povo dos ursos leva suas capas de urso. Quando as vestem, comportam-se como animais. Às vezes, os ursos não voltam, e então dizem que os botoques de lábio deles caíram - são objetos muito valorizados. Isso quer dizer que perderam sua maior posse, a vida.

Os ursos mudam-se para outra aldeia no inverno, escondida nas árvores. A princesa está grávida.

Na aldeia, todos a procuram, mas os pajés dizem que está viva e vai voltar. A princesa tem gêmeos. O irmão mais novo da princesa vai com o cachorro para o sopé do morro e o cachorro late. O Príncipe Urso fica olhando da caverna. Leva a sua família cada vez que os homens vêm para dentro e diz palavras mágicas para afastá-los e cansá-los. Ele diz à mulher que o irmão dela e o cachorro vão matá-lo. Ela fica triste, mas sabe que tem que procurar o irmão e cuidar dele. Um dia ela o vê na boca da caverna e deixa cair uma bola de neve perto dos pés dele. Ele vê a marca da mão dela. O marido urso avisa à princesa que vai para a caverna e pede a ela que, quando morrer, não deixe que mutilem sua carcaça, que quando tirarem sua pele, queimem seus ossos para que possa ajudar seus filhos. Diz que quando morrer, os ursinhos virarão gente e serão bons caçadores. O irmão da princesa vem, o faz sair da caverna e o perfura com uma lança. O Príncipe Urso canta uma canção que quer que a princesa e seu irmão aprendam. Eles prometem dar a pele de urso ao seu sogro, para ele sempre ter sorte e as crianças serem ricas. Assim é feito. Os ursinhos vão com a mãe e o tio para a aldeia. Tiram a capa de ursos e ficam dois lindos meninos. Mais tarde, quando a cantiga e a pele fazem o chefe muito rico, o avô faz um poste para eles subirem e verem a fumaça da aldeia do outro avô. Quando a mãe morre, os dois põem a capa de urso e voltam para o Povo dos Ursos. Desde então o povo humano lembra que é parente dos ursos e que tem sorte por causa disso. Esta história é da região do rio Nass, e é contada pela casa do Totem do Lobo.

A tradição do mito do urso americano já passou, nos E.U.A, para a ficção moderna, incorporada, por exemplo, por N. Scott Momaday, um escritor indígena americano, de origem Kiowa e Cherokee, em seu romance, *The ancient child*.

O marido búfalo

Joseph Campbell faz referência a um mito dos Blackfeet, sobre o marido búfalo, que lembra o mito do urso. (Campbell e Moyers, 1990: 80). Conta-se que havia muita fome entre os Blackfeet. Um dos meios de conseguir alimento, nessa região, é levar a manada de búfalos até o alto dos rochedos, para que caiam. Uma jovem promete casar com um búfalo se a manada for até lá. O búfalo vem buscá-la; o pai vai atrás, o búfalo o mata. Ela chora, o búfalo marido, com pena, diz que se ela ressuscitar o pai, deixará que eles voltem. Ela cata os pedacinhos do pai, com ajuda da pega, um pássaro, canta uma canção mágica, o ressuscita. Espantados, os búfalos pedem para os homens cantarem a dança dos búfalos para eles viverem de novo. É feita uma aliança entre búfalos e os seres humanos.

A alma da carne - coligações amorosas

Seria possível pensar na mistura de gente e bicho como decorrente da oposição natureza-cultura, tênue às vezes, ou da proximidade da floresta em vivem os índios, ou da intimidade que os pescadores irlandeses têm com o mar, na convivência tão grande com os animais, na solidão e silêncio que fazem surgir a conversa mesmo com quem não tem a linguagem. Poderíamos pensar nos bichos como o “outro”- os estrangeiros, que para muitos povos, não são gente, sendo comum a autodenominação de um povo, de modo etnocêntrico, significar “gente”, “gente verdadeira”. Natureza/cultura, etnocentrismo e racismo, abertura para a diferença e para a imigração versus medo do outro, da sombra e do mergulho estranho.

Os mitos, em especial os norte-americanos sobre a caça, sobre os ursos e búfalos, permitem ver que a simbiose com os bichos decorre também da necessidade que têm os homens de lidar com o mundo animal,

que lhes fornece a caça, fundamental para a sobrevivência da humanidade e para a arte, com provisão de peles, penas, proteínas, calorias, mas que é também o mundo dos espíritos a serem invocados. Um Eskimo Iglulik esclareceu ao explorador Knud Rasmussen (Halifax, 1982:6) que o maior perigo da vida origina-se no fato de que a comida humana é inteiramente feita de almas, pois os homens matam os animais para ter carne como comida e peles para vestir, mas os animais têm almas, e é preciso aplacar a ira destes seres para que não se vinguem.

As caçadas são perigosas, os homens devem fazer rituais de iniciação complexos para enfrentar os espíritos nas andanças, devem fazer a paz com os donos ou almas da caça, prometer que cuidarão de sua perpetuação, como na história dos búfalos, ter um pacto com os outros seres.

Meu tio Iauaretê

Na ficção atual brasileira, ninguém recriou tão bem o clima de um amor entre um ser humano e um animal, dessa terrível ponte (possível?) entre os dois reinos, quanto Guimarães Rosa, em “Meu tio Iauaretê”. Remeto à leitura do conto e à fantástica análise que dele faz Walnice Nogueira Galvão: a transformação do homem em onça, caminho oposto ao da construção do chamado mundo civilizado. Há algo a ver com a mestiçagem, com a difícil escolha entre o lado indígena e o do colonizador, que neste caso é também colonizado e marginal, ambos traídos no conto. De modo extremamente erudito e inteligente, Walnice vai extraindo os fios do jaguar desde o México (o que, curiosamente, poderíamos enxergar também em um mito Jabuti sobre a criação do sol) até tomar o mito Kayapó, na versão de Banner, do roubo do fogo e do desaninhador de passarinhos.

É impressionante como Guimarães Rosa penetrou no âmago deste mito tão generalizado do amor entre a fera, o selvagem, e o ser humano. A

Bela e a Fera invertidos, a doçura da onça Maria-Maria é a do marido onça que encanta as aventureiras Tupi ou Suruí.

O amor por Maria-Maria põe a pergunta sobre o quanto é possível mergulhar no mundo alheio, em outra cultura, o bicho selvagem sendo uma comparação extrema e fictícia? O reino animal como sendo o reino dos estrangeiros também, não apenas a natureza? Os amores como o do antropólogo Kenneth Good, que se apaixonou por uma moça Yanomami da floresta, duas pessoas vindas de universos quase tão à parte quanto os de espécies diferentes? A humanidade é uma só, não há mais que uma espécie humana, mas as projeções dos homens, a ignorância do outro, o racismo, nos fazem ver o que é diferente como outra espécie.

No conto de Guimarães Rosa, o animal é selvagem, destruidor, nada fica de criação sua, nenhum dom aos homens, como o fogo doado pelo jaguar no mito indígena, o animal é morto ao final. Ao contrário, é ele que se interessa pelos produtos não animais (relógio, espelho, revólver, arma que deixa de usar). Mas fica exposta a maldade humana e o-que-está-virando, a suposta fera, é um renegado pelo mundo branco-colonial.

Nota final metodológica

Finalmente, cabe observar que a escolha deste tema como um dos muitos grandes temas da mitologia indígena é inteiramente arbitrária. Trata-se de um fio para trazer à tona alguns dos muitos mitos que ouvi e registrei em Rondônia e na Amazônia, cerca de 1.001, como nas noites orientais, em aproximadamente doze línguas diferentes - comparando-os a alguns dos milhares de outros mitos publicados em livros pelo mundo afora. São mitos vivos, contados por povos contemporâneos nossos, mitos como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar”, como diz Mircea Eliade (Bonney, 1993:3-5), e não invenção ou ficção para quem os conta. São mitos ouvidos, contados e não lidos, a voz dos narradores apontando para o manancial de saber que se esconde na alma e na fala

destes velinhos. A intenção é que as estórias surjam com vivacidade, em sua plenitude, ao sabor da sensibilidade dos ouvintes ou leitores, reforçando o reconhecimento da autoria indígena, o respeito aos povos dos contadores, e aos direitos dos índios em geral. A análise teórica dos mitos, dos temas, da estrutura, fica para um outro momento ou para outras pessoas - embora as teorias sejam muito úteis para caminhar no labirinto dos mitos indígenas, perturbador e surpreendente, mesmo para quem tem alguma prática.

Bibliografia

- BONNEFOY, Yves (org.) (1993). *American, African and Old European Mythologies*. Chicago and London: University of Chicago Press.
- BURLAND, Cottie (1996). *North American mythology*, New York: Barnes& Noble.
- CALVINO, Italo (1993). *Fiabe*. Milão: Mondadori.
- CAMPBELL, Joseph, e MOYERS, Bill (1990). *O poder do mito*, São Paulo: Palas Athena.
- CASCUDO, L.C. (1998). *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- ESPEJO, Francisco Carrillo (1994). *Narrativa Peruana*, Lima: Editorial Horizonte.
- GALVÃO, Walnice Nogueira (1978). O impossível retorno. *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática.
- GRANADINO, Cecilia. (1993). *Recuperando la tradición oral*. Lima.
- GRANADINO, Cecilia e JIMENEZ, Cronwell Jara (1996). *Las ranas embajadoras de la lluvia*. Lima: Minka/Embajada Real de los Países Bajos/Kollino Taquile, p. 52-61.
- HALIFAX, Joan (1982). *Shaman, the wounded healer*. London: Thames and Hudson.
- LIRA, Jorge A. (1990). *Cuentos del alto Urubamba*, Cusco: Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de las Casas, edição bilingüe quechua e castelhano, pp. 1-8.
- MINDLIN, Betty (1993). *Tuparis e Tarupás: narrativas dos índios Tuparis de Rondônia*. São Paulo: Edusp/Iamá/Brasiliense.
- _____. (1996). A cabeça voraz. *Estudos Avançados*, São Paulo: vol. 10 n. 27, mai/ago.
- _____. (2004). A fidelidade e a cabeça voadora do poeta inglês. *DO Leitura*, São Paulo, pp.27-32.

Bodas de carne, ou amores no reino animal

MINDLIN, Betty e NARRADORES INDÍGENAS (1997). *Moqueca de maridos*. Rio de Janeiro: Record.

_____.(1999). *Terra grávida*, Rio de Janeiro: Record.

_____.(2006). *Mitos indígenas*, São Paulo: Ática.

MINDLIN, Betty e NARRADORES SURUÍ PAITER (2007). *Vozes da origem*. Reedição.

Rio de Janeiro: Record.

MINDLIN, Betty, TSORABÁ, Digüt, CATARINO, Sebirop et al. (2001). *Couro dos espíritos, Namoro, pajés e cura entre os índios Gavião-Ikolen de Rondônia*. São Paulo: Senac/Terceiro Nome.

MOMADAY, N. Scott (1990). *The ancient child*. New York: Harper.

ROSA, João Guimarães (1969). Meu tio Iauaretê. *Estas estórias*, Rio de Janeiro: José Olympio.